

O bom avanço do ensino técnico

O número de matrículas cresce ano após ano, o que indica um bom momento da formação profissional no Brasil, mas a distância dos países ricos mostra que ainda há muito trabalho a fazer

O Estado de S. Paulo. · 05 nov. 2025

Após décadas de negligência das autoridades públicas, da baixa oferta de vagas e do pouco estímulo para a adesão dos estudantes, o ensino técnico vive, enfim, um bom momento no Brasil. De acordo com o Censo Escolar, o número de alunos na chamada Educação Profissional e Tecnológica (EPT) era de 2,1 milhões em 2022, subiu para 2,4 milhões no ano seguinte e chegou a 2,6 milhões em 2024. Já segundo o relatório Education at a Glance, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a proporção de jovens matriculados no ensino técnico passou de 8% em 2013 para 14% em 2023 – um salto nada desprezível.

Esses dados indicam muitos avanços, mas também ajudam a lembrar o quanto o Brasil ainda precisa melhorar. Isso porque os números mais recentes mostram o País muito distante da meta de 4,8 milhões de matrículas em EPT que havia sido traçada pelo Plano Nacional de Educação (PNE) para ser cumprida até o ano passado. Além disso, nos países da OCDE, grupo de nações desenvolvidas que o Brasil sonha um dia integrar, a média das matrículas é de 44%.

Esse cenário vem mudando graças a políticas públicas, novas demandas do mercado de trabalho e valorização da formação técnica no País. São esses fatores que impulsionam a expansão do número de alunos matriculados na EPT, mas há ajustes urgentes que podem elevar esses indicadores a patamares mais condizentes com as necessidades do Brasil.

Segundo especialistas em educação ouvidos pelo Estadão, o primeiro passo para a ampliação do ensino técnico tem de ser dado na direção de uma profunda mudança cultural. A sociedade brasileira precisa superar o velho ranço bacharelesco de que o ensino universitário é a principal meta de vida, deixando para trás a distorcida visão de que o ensino técnico é “inferior” a uma faculdade. Como explicou a especialista em políticas educacionais e ex-diretora global de Educação do Banco Mundial Claudia Costin, “infelizmente ainda é preciso vencer certo preconceito, como se o ensino técnico fosse destinado a determinadas classes sociais”.

Por óbvio, o ensino técnico é destinado a todos os jovens que buscam um futuro melhor. Mas, para que eles se convençam disso, é importante que o poder público, as escolas e o mercado de trabalho transmitam a mensagem à sociedade de que o ensino técnico não é um atalho, mas, sim, uma rodovia pavimentada.

Essa mensagem ganha mais sentido quando escola e mercado de trabalho atuam juntos. Parcerias estratégicas entre instituições de ensino e empresas podem levar a oferta de estágios que complementam a formação do estudante e ainda os engajam na busca de soluções para os grandes desafios atuais. Como disse a coordenadora de Projetos da consultoria Vozes da Educação, Vanessa Terra, esses jovens poderão trabalhar com “práticas sustentáveis” na agropecuária, “pensar em construções mais seguras e resilientes” caso venham a atuar no setor de infraestrutura.

tura e ainda “investir em fontes renováveis e eficiência energética” se tiverem uma oportunidade na área de eletrônica ou de energia.

É importante ressaltar que o ensino médio já abre hoje aos estudantes muitas portas na indústria, no comércio e no agronegócio, entre tantos outros setores da economia. Segundo pesquisa da Fundação Itaú, a taxa de desemprego entre quem tem ensino técnico é, em média, de 7,2%, ante 10,2% entre os que concluíram apenas o ensino médio. Além disso, com mais de 200 Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) em São Paulo e mais de 200 mil estudantes, o Centro Paulo Souza (CPS) registra uma alta taxa de inserção de seus alunos no mercado de trabalho. Em até um ano após a formatura, 77% dos egressos estão empregados.

Tudo isso evidencia como a EPT pode transformar a vida de milhões de jovens brasileiros. Com novas frentes de atuação que ainda vão surgir em tecnologia, inovação e inteligência artificial, será ainda mais gigantesco o potencial do ensino técnico no Brasil. Se acelerar a expansão dessa modalidade de formação profissional, o País valorizará seus talentos, crescerá economicamente e se aproximará da realidade dos países ricos. •